



CENTRO DE ARTESANATO E DESIGN DOS AÇORES

## **“Anexo V Viola da terra**

Poemas dedicados “aos velhos cantadores das nossas ilhas” por Armando Côrtes-Rodrigues e Vitorino Nemésio, dois mestres da Açorianidade que consagraram à viola alguns dos seus mais belos motes, em diversos livros de poesia:

*A minha viola tem  
Dois corações recortados:  
São os nossos, sempre juntos,  
No mesmo amor afinados*

*Doces vozes da vida  
Irmãs do vento e do mar  
Todo o poema da Terra  
Nelas perpassa a vibrar*  
**Armando Côrtes-Rodrigues, 1924**

*Minha viola de luxo,  
Minha enxada de cantar,  
Meu instrumento de fogo,  
Caixinha do meu chorar!*  
**Vitorino Nemésio, 1950**

O Padre José Luís Fraga, diretor e fundador em 1954 do “Grupo Folclórico Tavares Canário” estudioso das tradições populares açorianas, num livro de poemas de Valério Florense, publicado em 1960, identifica o som da Viola com as forças oceânicas do arquipélago:

*Toca violas o vento  
E as ondas cantam cantigas:  
Mais alegres nunca balham  
Rapazes e raparigas*  
**Valério Florense**

”A viola que ainda não era da terra terá chegado aos Açores na segunda metade do século XV, trazida eventualmente já pelos primeiros povoadores. A mais antiga referência a este instrumento aparece num documento de venda de terreno datado de 1479, em que o proprietário em troca recebe quatro carneiros e uma viola. Não há registos dos tipos de violas que foram trazidas pelos povoadores do arquipélago açoriano, no entanto, as modificações organológicas sofridas por estas violas através das sucessivas gerações de construtores não foram significativas ao ponto de ocasionar uma diferença substancial entre a viola da terra e suas congêneres do continente”, Gaspar Frutuoso na sua obra “Saudades da Terra”.

Na opinião de Francisco José Dias, maestro, compositor e professor de música, “A viola da terra acionava todos os que se envolviam nos cantares e nas danças, era a mola real a incentivar à folgança, a companhia mais íntima dos ranchos que se deslocavam a lugares distantes onde quer que houvesse festa rija. A viola era o chamariz. A sua presença, em qualquer parte provocava reunião: uns levantam a voz enquanto outros volteiam frente a frente ou em volta, e eis os balhos nas casas do mordomo do Menino Jesus, do Imperador do Espírito Santo e nas matanças do porco. O povo divertia-se desta maneira tão espirituosa, distraía-se de um modo salutar, sem ódio, sem malquerer. Eram assim os balhos que nada tinham a ver com outros passatempos”, in Cantigas do Povo dos Açores.

Francisco Carreiro da Costa, étnógrafo açoriano, escreveu em 1972: “Não obstante uma tal filiação, a viola de arame das ilhas dos Açores, tem sido considerada como uma criação insular e, por consequência, uma das peças mais estimadas de todo o património tradicional açoriano – peça de que, ainda agora, nos nossos dias, se compõem os mais curiosos exemplares, graças ao engenho e à arte de uns tantos – raros, infelizmente, violeiros que ainda existem pelas várias ilhas”. Por sua vez, o compositor micalense Manuel José Tavares Canário e o jorjense Francisco de Lacerda, músico de renome internacional, cultivaram a viola da terra e estudaram a música tradicional do arquipélago. Em 1954, o musicólogo Padre José Luis de Fraga, responsável pela criação do Grupo Folclórico Tavares Canário, era sempre acompanhado com um grupo de violas dos corações. É de salientar que vários escritores das ilhas, com destaque para Vitorino Nemésio, cantaram e celebraram a viola da terra, um dos emblemas da cultura açoriana.

Era tal a sua importância que fazia parte do dote do noivo e o seu lugar, durante o dia, era em cima da cama, servindo como adorno do quarto e dizia-se que assim aconchegada se manteria em melhores condições de afinação.

Em todo o arquipélago dos Açores, a viola da terra foi-se associando com outros instrumentos musicais, rabeca, guitarra, pandolim, violão e até com acordeão formando-se conjuntos de composição variada. Na ilha de S. Miguel, a viola da terra era também tocada pelos Foliões das festas do Divino Espírito Santo que, envergando indumentária própria, desempenhavam funções recreativas e cerimoniais nas festas do Divino. *A viola aparece em todas as manifestações de regojijo. Levam-na os ranchos, que vão às grandes festas tradicionais. Com o seu acompanhamento se canta o fado, a saudade, a sapateia, o pézinho, a bela-aurora, a chama-rita e outras modinhas.* (A Alma do Povo Micalense, Pe. Ernesto Ferreira).

De salientar os muitos artesãos que se dedicaram à arte de construir violas da terra, os quais na sua maioria permanecem desconhecidos. Este saber, transmitido de geração em geração, permitiu que muitos desses artífices sustentassem de forma (exclusiva ou não) as suas famílias com a construção destes instrumentos musicais, num trabalho árduo de paciência, perseverança e dedicação.

## I

### **Simbologia da viola da terra**

Ao longo dos tempos desenvolveu-se uma construção identitária açoriana vinculada à viola da terra. A utilização do corpo do instrumento como repositório de símbolos e a tradução destes símbolos de forma a afirmar a viola da terra como expressão da identidade açoriana, tornando-a em obra de arte como forma de valorizar e sedimentar a sua importância no contexto identitário açoriano.

A viola da terra tem normalmente a abertura ou boca em forma de dois corações adossados e juntos. Segundo explicação popular, os dois corações (com as pontas em sentido opostos) representam o amor entre duas pessoas que se separaram fisicamente, ficando ligadas pelo mesmo sentimento que é a “*saudade*”, que simboliza o coração que parte, que emigra para o estrangeiro e o coração que fica. Na opinião do Pe. Ernesto Ferreira “*Estes dois corações centrais e unidos simbolizam a saudade, a gratidão, a ternura, o afecto, o amor. São a expressão dos sentimentos do povo micaelense, a exteriorização da sua índole amorável, do seu génio efectuoso e bom*”.

Se rodarmos a viola da terra com as cravelhas para baixo, podemos observar que o desenho formado pelo cordão umbilical lembra a forma da “Coroa do Divino Espírito Santo” e por sua vez, a lágrima da saudade a “Pombinha do Espírito Santo”. Esta é sem dúvida, outra simbologia da viola da terra que traduz a grande devoção dos açorianos ao culto do Divino Espírito Santo.

Sobre o tampo, a segurar as cordas, nas extremidades de cada lado do cavalete encontramos a figura do Açor, ave que terá dado o nome ao arquipélago açoriano. Ainda abaixo do cavalete, é costume existir outro adorno em forma de planta a representar o trigo, (espiga do trigo), que era a base alimentar dos povoadores com o qual faziam o pão. Todavia, este adorno varia de construtor para construtor, por vezes surge a decoração da “lira” ladeada por duas serpentes viradas para fora, cuja origem se desconhece. Salientamos ainda a importância de outro adorno existente na viola da terra, a natureza, as plantas que são a maior dádiva das nove ilhas dos Açores.

## II

### Denominação da viola tradicional dos Açores

A Viola tradicional dos Açores pertence à família das Violas de Arame Portuguesas sendo conhecida por várias designações nas nossas Ilhas: Viola da Terra, Viola de Dois Corações, Viola de Arame ou Viola Regional. Muitos investigadores têm classificado a Viola dos Açores em dois tipos distintos: Viola Micaelense, por ter doze cordas e dois Corações, e Viola Terceirense, por ter quinze cordas e a abertura sonora do tampo circular ou oval. Uma vez que a Viola da Terra é um instrumento com uma presença secular em todas as Ilhas do Arquipélago, com maior ou menor incidência consoante o contexto de cada uma e, no sentido evitar esta classificação que poderá ser considerada redutora, o instrumento será aqui classificado, pelas suas características, da seguinte forma: Viola de cinco ordens (parcelas), por ter doze Cordas - Viola existente em todas as Ilhas dos Açores e Viola de seis ordens (parcelas), por ter quinze cordas, conhecida também como Viola Terceirense, e com uma presença pontual nas Ilhas de São Jorge e Graciosa.

<b>Viola da terra</b>	<b>Viola de dois corações</b>	<b>Viola de arame</b>
Considerado o instrumento popular mais antigo do Arquipélago dos Açores terá acompanhado os primeiros povoadores do séc. XVI, segundo Gaspar Frutuoso, assumindo através dos	A viola dos dois corações com as pontas em sentidos opostos representam o amor entre duas pessoas que se separaram fisicamente, ficando ligadas pelo mesmo sentimento que é a “saudade”. Estes dois	Por possuir cordas feitas de fio de arame e não de aço. O encordoamento difere de ilha para ilha, abrangendo uma variedade de cordas industriais e suas combinações. O encordoamento é feito

séculos, grande importância social e cultural na vida das gentes do Arquipélago dos Açores, para quem representava uma companhia indispensável nas horas de diversão e de lazer. Citando, Carreiro da Costa que escreveu em 1972: *“Não obstante uma tal filiação, a viola de arame das ilhas dos Açores, tem sido considerada como uma criação insular e, por consequência, como uma das peças mais estimadas de todo o património açoriano, peça de que, ainda agora, nos nossos dias, se compõem os mais curiosos exemplares, graças ao engenho e à arte de uns tantos e raros, infelizmente, violeiros que ainda existem pelas várias ilhas”*. Possui denominações diferentes: (viola de dois corações, viola de arame). Apresenta-se com as mesmas cinco ordens ou seis ordens: três ordens duplas e três ordens triplas, contabilizando sempre doze cordas, ou três duplas e três triplas, totalizando sempre quinze cordas dispostas em relações intervalares de uníssonos ou oitavas. Nos Açores a viola da terra é construída em madeira, com formato que sugere o número “oito”, apresentando variações e modelos que diferem um do

corações centrais e unidos simbolizam a saudade, a gratidão, a ternura, o afeto, o amor, sendo a expressão dos sentimentos do povo açoriano, a exteriorização da sua índole amorável, do seu génio afetuoso e bom.

com cordas metálicas amarelas e as outras em metal branco, à exceção dos bordões que muitas vezes são de prata.

outro basicamente nas medidas do enfraque ou “cintura”, nas dimensões do braço, do cravelhal ou “craveira”, do tampo ou testo sonoro. da escala e o número de cordas.		
---	--	--

### III

#### Aspetos organológicos da viola da terra

<b>Cabeça ou Pá</b>	<b>Braço</b>	<b>Escala</b>	<b>Caixa de Ressonância</b>	<b>Cavalete</b>
Parte do instrumento musical ou cordofone onde se fixam as cravelhas feitas artesanalmente em madeira, ou onde são aparafusadas as tarrachas industrializadas de metal, as quais têm por função prender ou ajustar a tensão das cordas.	Parte do cordofone onde se apoiam os dedos e contra a qual se apertam as cordas durante a execução musical.	Peça de madeira fixada ao mesmo nível do tampo da viola, onde se fixam os trastes ou trastos. Em determinados modelos é fixada e sobreposta ao tampo.	É a boca do instrumento, composta por uma abertura oval, circular ou em forma de dois corações ou três corações entrelaçados..	Peça onde são fixadas e niveladas as cordas, em buracos feitos na própria peça do cavalete, que é colado sobre o tampo da viola, nota-se esse método tanto nos modelos artesanais ou industrializados

### IV

#### Particularidades que compõem a viola da terra

- 1 – cabeça;
- 2 – cravelhas ou carrilhão;
- 3 – pestana;
- 4 – espelho;
- 5 – escala;
- 6 - trastes ou trastos;
- 7 – pontos;
- 8 – cepo ou pé do braço;
- 9 – ilhargas, faixa lateral ou cinta;
- 10 – enfraque ou cintura;
- 11 – caixa de ressonância ou tampo harmónico;
- 12 – embutidos;

- 13 - boca;
- 14 – cordas;
- 15 – cavalete;
- 16 – contracavalete;
- 17 – fundo, costas ou fundo de trás;
- 18 – bojo superior;
- 19 - bojo inferior;

## V

### Características ímpares que diferenciam a Viola da Terra

É um instrumento construído nos moldes clássicos das técnicas tradicionais, totalmente manuais, excetuando as cordas que são de fabrico industrial. Do ponto de vista técnico, distinguem-se dois tipos de violas da terra: viola de cinco ordens e de seis ordens

Diferenças de construção	Encordoamento	Afinação	Técnica de construção
<p>Constituída por um corpo ou caixa sonora, com cintura pouco acentuada, braço comprido e escala que vai até à boca, na generalidade com vinte e um pontos. A caixa de ressonância é composta por tampo harmónico e fundo plano, ligados entre si pelas ilhargas. A abertura existente no tampo tem forma de dois corações. O tampo tem boca central, formada por duas ou mais aberturas sonoras</p>	<p>Apresenta doze cordas de arame, dispostas em cinco ordens (parcelas): as três primeiras duplas e as duas seguintes triplas. Conhecida também por viola de arame (por possuir cordas feitas de fio de arame) embora atualmente as cordas de arame têm vindo a ser substituídas por cordas de aço.</p>	<p>Arma com doze cordas, divididas em cinco grupos; os três primeiros duplos e os dois seguintes triplos (agudo/grave). Sobre a estrutura da viola, fixa-se o sistema de afinação, a pestana, a escala, o cavalete e o contracavalete. Cravelhas de madeira ou mecanismos de parafusos metálicos sem fim (carrilhão, chapa de leque) As cordas amarram-se aos botões do cavalete e ao sistema de afinação, mantendo-se soerguidas e separadas pela pestana e pelo contra-cavalete A viola da terra toma características comuns a todas as ilhas, adquirindo aqui e acolá afinações e particularidades diferenciadas. A</p>	<p>Nos Açores a viola da terra é construída em madeira, com formato que sugere o número “8”, apresentando variações e modelos que diferem um do outro, basicamente nas medidas do “enfraque” ou cintura, nas dimensões do braço, do cravelhal, do tampo, da escala e no número de cordas.</p>

		afinação difere de ilha para ilha do arquipélago consoante a variação do repertório executado.	
--	--	--	--

## VI

### Características ímpares que diferenciam a Viola da Terra Terceirense /cinco, seis e sete Ordens)

Apenas na ilha Terceira encontramos a viola terceirense que apresenta algumas diferenças fundamentais relativamente às demais violas do arquipélago açoriano.

Diferenças de construção	Encordoamento	Afinação	Técnica de construção
O tampo é construído com uma abertura sonora, redonda, emoldurada por filetes de madeira exótica. Tradicionalmente composta por dez pontos sobre o braço e seis/nove pontos sobre o tampo.	A viola da Terceira tem três subtipos, consoante o número de cordas: doze cordas ( <i>cinco parcelas</i> ), quinze cordas ( <i>seis parcelas</i> ) ou dezoito cordas ( <i>sete parcelas</i> ), <i>atualmente em desuso</i> . As três primeiras parcelas têm cordas duplas de arame e as duas, três ou quatro parcelas seguintes mais graves, têm cordas triplas, sendo duas de arame e um bordão.	O sistema de afinação faz-se com cravelhas, carrilhão ou chapa de leque. A afinação varia de ilha para ilha do arquipélago consoante a variação do repertório executado.	Comparando as medidas das formas da micaelense à terceirense, conclui-se que as caixas de ressonância são executadas em tamanhos maiores do que os tamanhos mais usuais na micaelense (a “três quartos” e a inteira”): a cinco parcelas, equipara-se à “boeira – viola brasileira” e a “seis parcelas” é de tamanho idêntico ao da viola violão.

## VII

### Diferenças da composição e de estilos da viola da terra

Designação	Descrição
<b>Viola da terra de S. Miguel</b>	Tem como denominações “viola da terra”, “viola de arame” e “viola de dois corações” encontrando-se em todas as ilhas que formam o arquipélago dos

	<p>Açores, especialmente ligadas às tradições folclóricas.</p> <p>A viola da terra tem normalmente a boca em forma de dois corações adossados e juntos. Os dois corações constituem a abertura ou a boca. Estes dois corações (com as pontas em sentidos opostos) representam o amor entre duas pessoas que se separaram fisicamente, ficando ligadas pelo mesmo sentimento que é a “saudade”. Os corações estão ligados por um desenho que se assemelha a um “cordão umbilical” que se une numa lágrima, a lágrima da saudade, também referida como símbolo do ás de ouros, representando a busca da fortuna aquando da emigração.</p> <p>Para além de simbolizarem a saudade, a gratidão, a ternura, o afeto, o amor, os dois corações expressam os sentimentos do povo micalense, a exteriorização da sua índole amorável, do seu génio afetuoso e bom.</p> <p>A dimensão estética da viola da terra de S. Miguel concentra-se no tampo harmónico e exprime-se no recorte das aberturas sonoras (corações e liras), nos motivos embutidos de madeira exótica.</p> <p>Na base destacam-se as (silvas, lira, vaso de flores), na extremidades do cavalete (pontas de seta, cabeça de ave, bigode). Por sua vez, o braço apresenta incrustações de madrepérola e a cabeça é recortada de forma diferente.</p>
<p><b>Viola da terra da Terceira</b></p>	<p>A viola terceirense apresenta algumas diferenças fundamentais relativamente às demais violas do arquipélago açoriano, é acrescida às suas cinco ordens (parcelas) mais uma ordem de cordas que afinam em mi.</p> <p>Tem apenas uma abertura sonora, redonda, emoldurada por filetes de madeira exótica. A boca é comprida, 10 trastes sobre o braço e 15. A escala é saliente em relação ao tampo, e estende-se por cima deste até à boca. A base é ornamentada com embutidos florais.</p> <p>A cabeça geralmente é plana, ligeiramente inclinada em relação ao</p>



	<p>braço, e com uma forma retangular, com cravelhas.</p> <p>O cavalete é sempre retangular, mas varia nas extremidades, tanto pode ter uma pirâmide quadrangular como uma flor de quatro pétalas entalhadas.</p> <p>As ilhargas são feitas em noqueira, o tampo em pinho, o braço em mogno, os interiores em casquinha ou choupo e a escala em acácia, uma madeira bastante dura que resiste ao desgaste provocado pelo atrito das cordas. A escala pode variar em função do gosto do tocador.</p>
--	--

## VII

<p><b>Viola da terra da Terceira</b></p>	<p>A viola terceirense apresenta algumas diferenças fundamentais relativamente às demais violas do arquipélago açoriano, é acrescida às suas cinco parcelas mais uma ordem de cordas que afinam em mi.</p> <p>Tem apenas uma abertura sonora, redonda, emoldurada por filetes de madeira exótica. A boca é comprida, 12 trastes e q5 cordas com 6 ordens duplas e triplas, geralmente tem a abertura circular. A escala é saliente em relação ao tampo, e estende-se por cima deste até à boca, a base é ornamentada com embutidos florais. O comprimento é de cerca de 87 cm</p> <p>A cabeça geralmente é plana, ligeiramente inclinada em relação ao braço, e com uma forma retangular, com cravelhas.</p> <p>O cavalete é sempre retangular, mas varia nas extremidades, tanto pode ter uma pirâmide quadrangular como uma flor de quatro pétalas entalhadas. As ilhargas são feitas em noqueira, o tampo em pinho, o braço em mogno, os interiores em casquinha ou choupo e a escala em acácia, uma madeira bastante dura que resiste ao desgaste provocado pelo atrito das cordas. A escala pode variar em função do gosto do tocador.</p>
--	---

## VIII

## Etapas do processo de construção da viola da terra

A construção compreende uma sequência de operações:

- 1 – Talhar o braço;
- 2 – Fixar o braço à forma;
- 3 – Colocar o taco ou calço de trás na forma;
- 4 – Enformar as paredes ou ilhargas;
- 5 – Colar as cintas e os travessões ao fundo;
- 6 – Colar o fundo de duas meias folhas;
- 7 – Retirar a forma;
- 8 – Colar as cintas e travessões do tampo;
- 9 – Fazer e ornamentar o tampo de duas meias folhas com embutidos, boca, corações e flor de lis ou outros;
- 10 – Colar o tampo harmónico;
- 11 – Embutir as faixas laterais do instrumento;
- 12 – Colar a escala;
- 13 – Cravar os pontos e a pestana;
- 14 – Abrir os furos para o cravelhal;
- 15 – Lixar, envernizar e polir;
- 16 – Colar o cavalete;
- 17 – Encordoar, colocar o contra cavalete e a pestana.

### IX

#### Técnica de execução da viola da terra

Descrição da Peça	Tipologia da Madeira	Execução da Peça
<b>Braço:</b> composto através da escala e dos trastos.	<b>Braço:</b> mogno e cedro do mato, cedro das ilhas, cedro da terra ou zimbro, espécie endémica dos Açores, existe em todas as ilhas à exceção de Santa Maria e Graciosa. Apresenta-se leve, aromática, dotada de excelentes características para a obra de talha e invulnerável ao caruncho e podridão. O braço antes de ser terminado é protegido com uma fina lâmina de madeira rija	<b>O braço</b> é riscado pelo molde e talhado num pequeno barrote, com as dimensões ideais para se poder escolher o melhor veio e evitar as falhas, os “nós” e o “branco” da madeira, ficando a peça em bruto até à fase final, em que será acabada conforme o gosto do cliente e sistema de afinação escolhido: cravelhas e sistemas mecânicos. Toda a construção da viola da terra processa-se a partir do braço, fixado por dois parafusos ao tirante da forma, no malhete da qual se coloca o toca de trás. À

	(sucupira) para aumentar a resistência quer para a tensão das cordas quer ainda para o aperto das cravelhas de afino das cordas.	extremidade inferior do braço - o cepo que se vão prender as paredes e os tampos.
<b>Cravelhas</b>	Construídas em pau preto, metálicas e giesta, untadas com resina ou pez, permitem uma afinação perfeita e duradoura	As cravelhas de madeira: o recorte é variado e a sua espessura diminui da pestana de (15 mm) para (9 a 12 mm). Os sistemas mecânicos de afinação utilizados na viola são: - carrilhão metálico de cravelhas dorsais ou laterais, (consoante a inserção do cilindro na pá), permite uma afinação mais rápida, mas tem o inconveniente de aumentar significativamente o peso do instrumento e de alterar a distribuição daquele, deslocando o ponto de equilíbrio no sentido da pá. O aumento do peso é devido não só aos componentes metálicos, mas também à espessura da pá, uniforme e maior do que no cravelhal de madeira, estando a mesma condicionada à largura da chapa, (cravelhas laterais), ou ao comprimento do cilindro (cravelhas dorsais) - chapa de leque de guitarra é mais

		<p>frequente nas ilhas do grupo central, conhecendo-se poucas violas em S. Miguel com este sistema de afinação que confere ao instrumento um aspeto diferenciado.</p>
<b>Paredes ou ilhargas</b>	<p>Madeira de acácia, castanho, noqueira e incenso, para as paredes e fundo da caixa de ressonância.</p>	<p>A madeira é riscada com um graminho e serrada manualmente, ficando depois de limpa com a espessura de 1,5 mm. As paredes da viola, cujas extremidades entram e aderem por colagem às ranhuras abertas no cepo, circundam a forma e vão colar-se ao taco do fundo. As colas usadas são as comerciais, embora haja inconvenientes com a secagem devido à humidade existente nas ilhas. Concluída a colagem e desparafusado o taco de imobilização, o espaço entre os topos das duas paredes (uma faixa com cerca de 1 cm de largura) será preenchido e arremato com um mata-juntas. Na imobilização das peças são utilizados cordel e grampos (para as emendas).</p>
<b>Cintas e travessões do fundo</b>	<p>Pinho branco ou de pinho do norte</p>	<p>A curvatura da cinta obtém-se por esmagamento da ripa com um escopro sem gume, com intervalos de meia polegada. As cintas são colocadas</p>

		<p>ao longo do bordo das paredes, fixas por grampos durante a secagem. Nelas se inserem os topos dos travessões, que vão ficar diretamente nas paredes, um na cintura e outro no bojo inferior, na largura máxima da caixa. Os travessões são colados em pé relativamente ao fundo e com a face onde este assentará ligeiramente convexa.</p>
<b>Fundo ou costas</b>	Madeira de acácia, castanho e nogueira	<p>Constituído por duas meias folhas de uma tábuia, com a espessura de 2,5 mm, coladas com os veios casados, com mata-juntas na face exterior e um reforço de emenda na face interior. A colagem das meias folhas é feita por imobilização numa prancha plana. Riscado e recortado o fundo, com margem para acabamentos, é colado às paredes cepo, travessões e taco de trás, mantendo-se o conjunto imobilizado e bem apertado com cordel metodicamente enrolado.</p> <p>Por fim o abaulamento do fundo, uma operação que exige perícia, bem conseguido confere beleza ao instrumento. Obtém-se um abaulamento perfeito conjugando a inclinação da face</p>

		<p>posterior do cepo com o arqueado dos dois travessões e um ligeiro rebaixamento (cerca de 3 mm), em suta, das paredes do bojo superior. Se este rebaixamento for insuficiente ou inexistente, o fundo ficará selado nos bordos do bojo. As paredes são reforçadas internamente com pequenos travessões, colados aproximadamente nos pontos de largura máxima dos bojós.</p>
<p><b>Cintas e travessões do tampo harmónico</b></p>	<p>Madeira de pinho, madeira muito leve de cor amarelada</p>	<p>Pronto o fundo, é retirada a forma e imediatamente nivelada a caixa com uma régua, fixa numa extremidade ao topo do taco do fundo por um parafuso e na outra ao braço por um grampo. Colam-se as cintas para o tampo harmónico e três travessões deitados, ou seja, no bojo superior, no qual é embutida e colada a extremidade do cepo, na cintura e no bojo inferior na largura máxima. Os dois primeiros (bojo superior e cintura) são ligados por um pequeno travessão que passa entre os dois corações do tampo harmónico, para reforçar este na tensão a que será submetido pelo</p>

		<p>encordoamento. Na viola terceirense a extremidade do cepo é também ligada ao travessão (por malhetes), para reforçar o tampo.</p>
<b>Tampo harmónico</b>	<p>Pinho branco, pinho do norte, ou casquinha, madeiras muito leves e que diferem entre si no veio e na cor. A casquinha é de cor amarelada e tem o veio claro e mole, o pinho do norte é como a casquinha, mas mais amarelado, o pinho é branco, com o veio mais duro e escuro do que este.</p>	<p>O tampo harmónico é o rosto do instrumento, onde se recorta a abertura e são embutidos os ornamentos, dele depende principalmente a beleza e a elegância da viola. Tal como o fundo, é feito também de duas meias folhas de uma mesma tábua, com os veios casados. Coladas as meias folhas do tampo, são riscados e colados os embutidos que circundam a boca e que ornamentam o bojo inferior, acima e abaixo do cavelete. O risco é feito com a ponta de uma navalha diretamente no tampo, de suta, e escavado em “meia madeira” com um pequeno formão ou escopro fino, para o embutido entrar em aperto e ficar mais justo e possível, sem juntas e vestígios de cola. Os ornamentos mais frequentes abaixo do cavelete são a planta estilizada (silvas) e a lira com as extremidades em forma de cabeça de pássaro ou de cobra.</p>

		<p>Aplicados os embutidos, é então recortada a boca ou abertura. A mais característica e frequente na viola micalense é a abertura em forma de dois corações, unidos por um filete e rematando num pequeno coração “aberto” ou “fechado”, num losango ou em dois corações. De realçar outros tipos de abertura que ocorrem na viola micalense:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- três corações enlaçados, de que resultam cinco bocas;</li> <li>- duas liras unidas e quatro orifícios – viola de quatro bocas;</li> <li>- abertura oval deitada</li> </ul> <p>As violas de quatro e cinco bocas parecem menos apreciadas por alguns tocadores, pois em seu entender, o número excessivo de aberturas espalha demasiado o som, daí que tais violas sejam “espalhadeiras”.</p>
<p><b>Escala</b></p>	<p>Madeira bastante dura e resistente ao desgaste provocado pelo atrito das cordas. Utiliza-se acácia e sucupira.</p>	<p>A escala pode variar consoante o gosto do tocador:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- meia viola;</li> <li>- viola de três quartos;</li> <li>- viola inteira e viola boeira;</li> <li>- viola violão</li> </ul> <p>A escala é aplicada quando o tampo harmónico é escavado até à boca, em que a escala fica embutida e no mesmo plano daquele, colada ao</p>



		<p>braço. Os “vivos” no bordo do tampo são riscados com o graminho e escavados também com a ponta de uma navalha ou de um escopro fino, conforme a espessura do embutido que se prefere aplicar: simples filetes ou marchetados, (este últimos também conhecidos por “vivos de xadrez”. Antes da colagem da escala ao braço, foram abertos nela, com um pequeno serrote, os sulcos para os tastos ou pontos; dezassete na meia viola e vinte um nos outros tamanhos. Atualmente os pontos são adquiridos ao metro em metal cromado ou niquelado, este preferível por não enegrecer com o contacto das mãos e a transpiração dos dedos.</p>
<p><b>Cavalete</b></p>	<p>Construído em madeira de sucupira.</p>	<p>Esta peça é riscada pelo molde, recortada com uma serra e aperfeiçoada à navalha, fixa-se ao tampo harmónico com cola. A fixação é reforçada por dois parafusos de <math>\frac{3}{4}</math> ou 1, que atarraxam no tampo e no travessão que fica por debaixo do cavalete. Os botões onde se prendem as cordas, em número de seis, são pequenos</p>

		<p>parafusos de cabeça de tremço, de ½ e 2 mm de espessura, ou pequenas peças torneadas em osso de canela de vaca, muito compacto e muito branco do que o marfim (que também é utilizado). O cavalete da viola micaelense termina em cabeça de pássaro estilizada, em ponta de seta ou também em “bigode” (diferente dos das violas braguesa e amarantina). O cavalete da viola terceirense em todos os exemplares conhecidos é retangular, apresentando nas extremidades uma pirâmide quadrangular ou uma flor entalhada, de quatro pétalas.</p>
<b>Polimento e envernizamento</b>		<p>Entra-se na fase do acabamento da viola, no seu polimento utilizam-se raspadeira, lixa fina, e palha de aço. O envernizamento faz-se com goma laca ou com uma mistura de goma laca e verniz de brilho, aplicadas a boneca em várias demãos.</p>
<b>Encordoamento</b>		<p>Diferem de ilha para ilha de tocador para tocador, abrangendo uma variedade de cordas e suas combinações. Em S. Miguel o encordoamento praticado é muito semelhante ao</p>

		praticado há duzentos anos por Paixão Ribeiro na viola coimbrã: as terceiras ou toeiras e as quintas em metal amarelo e as outras ordens em metal branco, à exceção dos bordões que às vezes eram de prata. Na ilha Terceira, José Augusto e Manuel Augusto Lobão encordoavam de forma diversa, utilizando unicamente cordas de aço e bordões de violão.
--	--	--

## X Matéria-prima

A qualidade do som e do acabamento da viola da terra depende das madeiras utilizadas. Os violeiros açorianos tornaram-se artistas exímios na combinação de madeiras locais e exóticas, sendo estas últimas importadas. Escolhiam madeiras resistentes para o braço, sensíveis para o tampo harmónico, densas para o fundo e ilhargas refletirem o som, rijas para a escala e as cravelhas resistirem ao atrito.

Designação	Produção
Cedro-do-mato, cedro das ilhas, cedro da terra ou zimbro.	local
Madeira de acácia	local
Madeira de pau santo (Jacarandá)	Madeira importada do Brasil e do Perú, existente em Portugal há muitos anos, (aplicada em alguns pormenores de acabamento e ornamentação)
Madeira de bujo	local
Madeira de pinho	local
Madeira de noqueira	local
Madeira de mogno	local
Madeira de giesta	local
Madeira de sucupira ou spruce (pinho branco)	madeira importada da Europa (alguns pormenores de acabamento e ornamentação poderão empregar madeiras exóticas)
Madeira de faia	local
Madeira de cerejeira	local
Madeira de incenso	local
Outras Aplicações: (marfim, madrepérola, osso de vaca, servem para fazer algumas incrustações no braço)	locais/importadas

## XI Materiais

Designação	Funcionalidade
Palha de aço	Fase do polimento
Goma laca e verniz	Para colar e envernizar o instrumento
Parafuso	Atarraxar no tampo e no travessão
Resina	Para colar
Cordel	Para fixação de várias peças
Limas	Limam a madeira da pestana e dos trastos da viola
Grampos	Imobilização do tampo entre os topos das duas paredes (faixas)
Cordas de aço	Serve para o encordoamento
Cola quente	Colar o cavalete e a escala
Cola normal	Serve para a colagem da caixa harmónica
Cola de peixe	Cola o rótulo da marca do construtor/violeiro no interior da caixa harmónica

## XII Utensílios

Utensílios	Funcionalidade
Navalha	Recortar a madeira
Escopro fino	Para riscar os bordos do tampo
Graminho	Para riscar a madeira e faz a marcação dos embutidos e perfis
Lápis	Para riscar os moldes
Molde	Riscar o molde que se pretende
Régua	Para nivelar a caixa
Serra	Recortar a madeira
Plaina	Para aplainar o tampo harmónico e as ilhargas, ou seja, desbasta a madeira e alisa.
Serrote 1	Executa a ranhura para os trastos
Serrote 2	Talhar o braço da viola
Serrote 3	Serve para executar os malhetes (fixa o braço à caixa)
Serrote 4	Corta os trabalhos embutidos em madreperola
Serrote 5	Corta os trabalhos embutidos em osso de vaca
Serrote de curvas	Recorta os corações
Trinchas/Pinceis	Serva para pintar
Goivas	Para entalhar a madeira
Formão	Tem como função talhar o braço
Grozas	Servem para diversos tipos de talhar

### **XIII Equipamentos**

<b>Equipamento</b>	<b>Funcionalidade</b>
Banco de mestre	Serve de apoio para a execução da viola
Raspadeira	Tem como função o polimento
Lixadora	Lixar a madeira
Secador	
Fresadora	Desbasta a madeira e dá forma à peça
Tupia	Tem como função executar a caixa do som

### **XIV**

#### **Aplicação de selo de certificação**

Marca indelével em conjugação com a versão etiqueta autocolante. Logotipo iconográfico e n.º de autorização.

### **XV**

#### **Definição da área geográfica de produção**

Do ponto de vista histórico e geográfico, a produção da viola da terra regulamentada pela presente portaria circunscreve-se a todas as ilhas do arquipélago dos Açores, constituindo um produto de referência do artesanato açoriano.

Publicado em 21 de janeiro de 2019